

Arquitetura e Urbanismo: Competência e Sintonia com os Novos Paradigmas do Mercado

Bianca Camargo Martins
(Organizadora)



Bianca Camargo Martins
(Organizadora)

Arquitetura e Urbanismo: Competência
e Sintonia com os Novos Paradigmas do
Mercado

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A772	Arquitetura e urbanismo [recurso eletrônico] : competência e sintonia com os novos paradigmas do mercado / Organizadora Bianca Camargo Martins. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-485-6 DOI 10.22533/at.ed.856191807 1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Martins, Bianca Camargo. CDD 720
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

É com muita alegria que, a convite da Editora Atena, apresento a primeira edição do livro “Arquitetura e Urbanismo: Competência e Sintonia com os Novos Paradigmas do Mercado”. Esta edição, composta por 23 capítulos, apresenta experiências das mais diversas áreas da arquitetura e do urbanismo, como: arquitetura, planejamento urbano, tecnologia e preservação do patrimônio cultural.

Um dos temas amplamente discutidos aqui é a preservação da paisagem como patrimônio cultural. Desde 1992, quando a Unesco incluiu a paisagem cultural como bem passível de preservação, inúmeros estudos e pesquisas mostram a importância da discussão do tema no território nacional. Porém, a valorização e o fomento à proteção da paisagem como bem cultural ainda é um grande desafio a ser enfrentado pelas políticas públicas nacionais.

Assim, o foco do presente livro é mostrar a importância e a amplitude da discussão sobre o papel social da arquitetura e do urbanismo contemporâneo. Os textos aqui contidos são um convite à reflexão e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, sejam elas públicas ou privadas, que socializam o acesso a estas importantes pesquisas e reflexões.

Acredito que os trabalhos aqui apresentados são de grande relevância para o meio acadêmico. Boa leitura!

Bianca Camargo Martins

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
LIÇÕES DA ESCOLA DE SOCIOLOGIA DE CHICAGO PARA A PESQUISA URBANA CONTEMPORÂNEA NO BRASIL	
Linda Maria de Pontes Gondim	
DOI 10.22533/at.ed.8561918071	
CAPÍTULO 2	13
PORTO DO AÇU: UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS NOTÍCIAS NA MÍDIA IMPRESSA REGIONAL	
Dayanne Vieira Maia	
Rosélia Perissé da Silva Piquet	
DOI 10.22533/at.ed.8561918072	
CAPÍTULO 3	26
A ATUAÇÃO DO SETOR PRIVADO NOS SISTEMAS DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA EM MARINGÁ-PR: CONFLITOS E REPERCUSSÃO NA ESTRUTURAÇÃO DO TERRITÓRIO	
Leonardo Cassimiro Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.8561918073	
CAPÍTULO 4	42
AGRICULTURA URBANA: UMA FORMA DE INTERVENÇÃO SUSTENTÁVEL	
Talissa Fernanda Bussacro Serafin	
Elisiana Alves Kleinschmitt	
DOI 10.22533/at.ed.8561918074	
CAPÍTULO 5	53
O MEIO FÍSICO COMO CONDICIONANTE NO PROJETO DE IMPLANTAÇÃO URBANO-PAISAGÍSTICA	
Eder Donizeti da Silva	
Adriana Dantas Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.8561918075	
CAPÍTULO 6	68
PAISAGEM CULTURAL NA CONSTRUÇÃO DO CONCEITO	
Jefferson Eduardo da Silva Morales	
Georgia Patrícia da Silva Ferko	
Graciete Guerra da Costa	
Elizabeth Melo Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.8561918076	
CAPÍTULO 7	79
METODOLOGIAS DE ANÁLISE DA PAISAGEM URBANA	
Elisiana Alves Kleinschmitt	
DOI 10.22533/at.ed.8561918077	

CAPÍTULO 8	91
PAISAGEM CULTURAL E PAISAGEM SONORA HISTÓRICA: DOS SONS DO PASSADO NA IDENTIDADE DO PATRIMÔNIO	
Rodrigo de Almeida Spinelli Pinto Ernaní Simplício Machado Miriam Carla do Nascimento Dias	
DOI 10.22533/at.ed.8561918078	
CAPÍTULO 9	101
FORMAS DE IDENTIFICAÇÃO DE ELEMENTOS DA PAISAGEM CULTURAL: METODOLOGIA APLICADA EM ITAGUAÇU – ES	
Amanda Guimarães Meneses	
DOI 10.22533/at.ed.8561918079	
CAPÍTULO 10	113
BUENOS AIRES E A HABITAÇÃO OBREIRA PERONISTA: <i>BARRIO 17 DE OCTUBRE</i>	
André Luis Rodrigues Bering Nara Helena Naumann Machado Raquel Rodrigues Lima	
DOI 10.22533/at.ed.85619180710	
CAPÍTULO 11	125
PAISAGEM CULTURAL NO CONTEXTO POLÍTICO-ADMINISTRATIVO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	
Claudio Antonio Santos Lima Carlos	
DOI 10.22533/at.ed.85619180711	
CAPÍTULO 12	137
A FERROVIA E SEUS CAMINHOS NO DESENVOLVIMENTO URBANO	
Adriana Cristina Gonçalves Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.85619180712	
CAPÍTULO 13	149
A PAISAGEM CULTURAL DO ENGENHO CENTRAL DE PIRACICABA NA DINÂMICA FABRIL DA CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO	
Marcelo Cachioni	
DOI 10.22533/at.ed.85619180713	
CAPÍTULO 14	162
INTERVENÇÕES URBANAS: OS ESPAÇOS PÚBLICOS NA PAISAGEM CULTURAL RIBEIRINHA DA VILA ELESBÃO (AP)	
Luana Marques Vieira Guilherme Pantoja Alfaia Victor Guilherme C Salgado	
DOI 10.22533/at.ed.85619180714	
CAPÍTULO 15	175
A PRESENÇA ESLAVA NA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM ARQUITETÔNICA DA ZONA DA MATA RONDONIENSE – BRASIL	
Jania Maria de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.85619180715	

CAPÍTULO 16	188
O BAIRRO POTI VELHO EM TERESINA-PI: PERSPECTIVAS DE PROTEÇÃO DA PAISAGEM CULTURAL	
Mariana Monteiro Scabello	
Andréa Lourdes Monteiro Scabello	
Marina Brito de Oliveira Marques	
Marjorie Brito de Oliveira Marques	
DOI 10.22533/at.ed.85619180716	
CAPÍTULO 17	200
RUA DO HORTO: RELIGIÃO E A FORMAÇÃO DE UMA PAISAGEM CULTURAL	
Marília Jerônimo Costa	
Sarah Brandeburski Farias	
Gabiella Donato de Oliveira Lima	
Jussara Bióca de Medeiros Timótheo	
DOI 10.22533/at.ed.85619180717	
CAPÍTULO 18	213
VIA-PARQUE DAS GRAÇAS: CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO SOCIAL	
Marcela Correia de Araujo Vasconcelos Zulim	
DOI 10.22533/at.ed.85619180718	
CAPÍTULO 19	224
DESENVOLVIMENTO DA PAISAGEM URBANA: RADIAL AVENIDA JOÃO PESSOA, PORTO ALEGRE – RS	
Cristiane dos Santos Bitencourt Schwingel	
Raquel Rodrigues Lima	
DOI 10.22533/at.ed.85619180719	
CAPÍTULO 20	236
MUITO ALÉM DO EMBELEZAMENTO	
Raquel Silva dos Santos	
Ana Elisabete de Almeida Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.85619180720	
CAPÍTULO 21	250
CARTOGRAFIA SOCIAL DA PAISAGEM CULTURAL DO MUNICÍPIO DE IRAQUARA - BA: SUBSÍDIOS PARA O PLANEJAMENTO TERRITORIAL PARTICIPATIVO	
Luciana Almeida Santos	
Fábio Pedro Souza de Ferreira Bandeira	
DOI 10.22533/at.ed.85619180721	
CAPÍTULO 22	264
CONTRIBUIÇÃO DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO NA DIVULGAÇÃO DE MONUMENTOS CULTURAIS EM COLATINA	
Wellington Gomes da Silva	
Ana Lucia Reis Melo Fernandes da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.85619180722	

CAPÍTULO 23	278
CENTRO CULTURAL FILÉ DA BARRA: ANTEPROJETO DE UM ESPAÇO CULTURAL E DE LAZER O PARA O BAIRRO DO PONTAL DA BARRA EM MACEIÓ – AL	
David Alves de Andrade Alexandre da Silva Sacramento	
DOI 10.22533/at.ed.85619180723	
CAPÍTULO 24	291
ANÁLISE ESPACIAL DE VISIBILIDADE APLICADA A GESTÃO DA PAISAGEM CULTURAL REMANESCENTE DOS CAMINHOS DE TROPAS NA REGIÃO DA COXILHA RICA, SANTA CATARINA	
Edenir Bagio Perin Adolfo Lino de Araújo Flavio Boscatto	
DOI 10.22533/at.ed.85619180724	
SOBRE A ORGANIZADORA	303
ÍNDICE REMISSIVO	304

AGRICULTURA URBANA: UMA FORMA DE INTERVENÇÃO SUSTENTÁVEL

Talissa Fernanda Bussacro Serafin

Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Foz do Iguaçu – Paraná

Elisiana Alves Kleinschmitt

Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Foz do Iguaçu – Paraná

RESUMO: A agricultura urbana surge a partir da implantação de espaços de produção agrícola no meio urbano, sendo que esse tipo de empreendimento se tornou uma espécie de idioma unificador, entendido por todas as idades, etnias, culturas e rendas, além de embelezar a cidade e gerar uma relação da vizinhança com a produção e o consumo de alimentos saudáveis, visto que não são utilizados agrotóxicos nesse tipo de produção. Desse modo, este estudo tem por objetivo analisar os benefícios ambientais, sociais e econômicos alcançados através dessa iniciativa sustentável, bem como as estratégias e as limitações obtidas em outros lugares, sendo apresentados exemplos aplicados. O método escolhido para a realização da pesquisa foi a revisão bibliográfica. Através dessa pesquisa, foi constatado que esse tipo de estratégia pode ser aplicado em qualquer cidade, desde que sejam estabelecidos parâmetros e cultivados produtos adequados ao clima e às condições do local, sendo que os benefícios superam as adversidades. Portanto, pode-se afirmar

que não importa o idioma, a etnia ou mesmo a classe social para que dê certo a criação de uma paisagem comestível, pois ela se tornou a linguagem universal, a qual gera um novo hábito relacionado às áreas verdes e aos vazios urbanos através da gestão participativa da comunidade e dos órgãos públicos, colabora para a diminuição da fome e da pobreza, uma vez que há alimentos orgânicos gratuitos ao longo da cidade, atrai a fauna, principalmente as aves, serve como barreira contra a degradação ambiental e concebe uma nova identidade social ao local.

PALAVRAS-CHAVE: agricultura urbana; alimentos saudáveis; meio urbano.

URBAN AGRICULTURE: A SUSTAINABLE MODE OF INTERVENTION

ABSTRACT: Urban agriculture arises from the implantation of agricultural production spaces in the urban environment, and this type of enterprise has become a kind of unifying language, understood by all ages, ethnicities, cultures and incomes, besides beautifying the city and generating a relationship of the neighborhood with the production and consumption of healthy foods, since pesticides are not used in this type of production. Thereby, this study aims to analyze the environmental, social and economic benefits achieved through

this sustainable initiative, as well as the strategies and limitations obtained elsewhere, and presented applied examples. The method chosen for the research was the bibliographic review. Through this research, it was verified that this type of strategy can be applied in any city, provided that parameters are established and cultivated products adapted to the climate and local conditions, and the benefits outweigh the adversities. Therefore, it can be said that it does not matter the language, the ethnicity or even the social class to make the creation of an edible landscape right, since it has become the universal language, which generates a new habit related to green areas and urban voids through participatory management of the community and public agencies, helps to reduce hunger and poverty, since there are free organic food throughout the city, attracts fauna, especially birds, serves as a barrier against environmental degradation and conceives a new social identity to the place.

KEYWORDS: urban agriculture; healthy foods; urban environment.

1 | INTRODUÇÃO

A urbanização feita de forma não organizada se manifesta como um dos mais notáveis problemas da humanidade, sendo que a Fao-Sofa (1998) calculou que, em 2015, mais de 26 cidades ao redor do mundo estariam com mais de 10 milhões de habitantes, e, para alimentar esse contingente, seria de extrema necessidade importar no mínimo seis mil toneladas de mantimentos diários, além de causar transtornos referentes a preservação ambiental e a oferta de empregos (AQUINO; ASSIS, 2007).

A agricultura urbana é um agente significativo no desenvolvimento de espaços no meio em que se encontra, proporcionando uma profunda conexão entre os meios rural e urbano, uma vez que, recentemente, aproximadamente 800 milhões de indivíduos reproduzem-na, sendo que são identificadas em todas as regiões do Brasil suas atuações (FERREIRA; CASTILHO, 2007), e vem ganhando destaque no cenário mundial e nacional e reafirmando-se como um fator permanente nos processos de desenvolvimento sustentável das pessoas e da sociedade (ARRUDA, 2006).

Segundo Ribeiro et al. (2015), no contexto brasileiro, os tópicos referentes à Agricultura Urbana devem ser estudados de acordo com a perspectiva de que a sociedade moderna está em constante transformação, principalmente no que diz respeito à globalização e ao desenvolvimento tecnológico da difusão de notícias, bem como à ordenação de um complexo agroalimentar e à predominância das monoculturas rurais.

Em vista disso, torna-se necessária a implantação da educação ambiental, em consequência da realidade vivenciada atualmente, passando a incentivar a interligação entre as áreas do conhecimento e ações sociais como um conjunto de qualificação inovador e crítico para a conversão do pensamento de uma sociedade em uma reflexão a qual não considera apenas os interesses do homem, mas também do meio ambiente.

Desse modo, o presente estudo visa, portanto, apontar as vantagens ambientais, sociais, econômicas e sustentáveis obtidas por meio dessa atividade, bem como uma explanação sobre o estudo através da análise de dados, uma vez que a análise está dividida em quatro partes, onde primeiramente será explanada a agricultura urbana, em segundo, como a agricultura urbana está relacionada à sustentabilidade, à segurança alimentar e à educação ambiental, em terceiro, o emprego da agroecologia e agricultura orgânica no meio urbano, e por fim, a aplicação desse conceito no território brasileiro.

2 | AGRICULTURA URBANA

O meio ambiente vem sofrendo cada vez mais alterações no decorrer dos anos, sendo que o principal motivo é a urbanização, a qual acarreta alterações climáticas, na qualidade da água, do solo e do ar e na cobertura vegetal, provocando um desequilíbrio natural. Por isso, o pensamento e as ações sustentáveis tornam-se cada vez mais expressados, objetivando reduzir os impactos negativos da ação humana na natureza, sendo que o método mais utilizado é a implantação de vegetação no meio urbano (MENEZES; TAVARES; BOTEZELLI, 2015).

Segundo Salvi et al. (2011), as áreas verdes correspondem ao patrimônio natural público, contribuindo com situações prejudiciais presenciadas no cotidiano causadas pela urbanização, tornando-se indispensáveis para se ter uma melhor qualidade de vida no meio urbano.

Considerando o que foi exposto anteriormente e que a subsistência é um direito de todos visando a sobrevivência, estudos efetuados pela FAO em inúmeros países comprovam que é imprescindível analisar a Agricultura Urbana e Peri-urbana com uma forma de minimizar diversos problemas, sendo que essa iniciativa tem se desenvolvido em várias cidades ao redor do mundo, podendo ser um instrumento eficiente na luta contra a indigência, melhorando a segurança alimentar e nutricional de algumas comunidades urbanas e criando um habitat urbano melhor (CRIBB; CRIBB, 2009).

Por conseguinte, de acordo com Ribeiro (2015), a agricultura urbana agroecológica pode ser caracterizada por promover a salubridade uma vez que insere o ser humano em um ambiente cercado por natureza onde há uma integração social, incentivando a autoestima das pessoas envolvidas e a cooperação de todos os que optarem por auxiliar em sua manutenção.

Ademais, há uma próxima ligação entre a agricultura praticada no meio rural e a praticada no meio urbano, porém, esta caracteriza-se por se desenvolver em outros diversos espaços além de diretamente no solo, como por exemplo em vasos e jardins suspensos ou verticais, ou seja, qualquer lugar é propício à implantação de agricultura urbana, desde que possua propriedades como sombreamento parcial em locais onde haja intensa insolação, constante irrigação e cautela com a intensidade lumínica nos ambientes onde esteja implantada a vegetação (ROESE, 2003).

Desse modo, conforme o pensamento de Almeida (2004), a utilização proveitosa

de extensões citadinas para a agricultura possibilita a organização e limpeza desses espaços que geralmente não são utilizados, bem como a redução de reprodução de transmissores de doença, como o *Aedes aegypti*, além de utilizar objetos descartados para a confecção de canteiros, como pneus, garrafas pets e entulhos, e restos orgânicos das residências próximas como adubo através do método de compostagem.

Em vista disso, segundo Roese e Curado (2004), os resultados benéficos advindos dessa metodologia, para os indivíduos que residem no meio urbano, são evidentes uma vez que não se utilizam agrotóxicos ou outros tipos de produtos químicos para o rápido crescimento que são nocivos à saúde, reutiliza-se restos orgânicos, os quais eram jogados no lixo, como adubo, e produtos recicláveis como recipiente para plantação de vegetais, diminuindo a quantidade de lixo que deve ser transportado por caminhões que poluem o ar com CO₂, podendo assim, possibilitar a redução da quantidade de dias da semana que esses caminhões precisam recolher o lixo, possibilita a constituição de uma farmácia natural uma vez que se pode plantar ervas medicinais, pode conceber uma renda extra para as famílias menos abastadas posto que os indivíduos podem vender esses produtos e prioriza a utilização mais adequada dos vazios urbanos, bem como serve como exercício terapêutico e recreativo e uma forma de embelezar a cidade.

3 | RELAÇÃO ENTRE AGRICULTURA URBANA, SUSTENTABILIDADE, SEGURANÇA ALIMENTAR E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A agricultura urbana foi introduzida como uma forma de amenizar os prejuízos advindos do crescimento populacional acelerado nas cidades e, conseqüentemente, da crise econômica mundial e da ruína das economias nacionais, potencializando a reserva nacional de subsistência, uma vez que oferta mercadorias as quais não são disponibilizadas com a mesma eficácia pela agricultura rural, é capaz de suprir a demanda de produtos importados, economizando nas trocas estrangeiras, e causa a redução de quantidades de terras para cultivo no meio rural (DRESCHER, 2001).

No cenário de urbanização vertiginosa, a agricultura urbana manifesta-se como um significativo instrumento na administração de natureza sustentável, uma vez que possui aptidão para gerar benefícios em inúmeras proporções, como, por exemplo, proporcionar melhor gestão de recursos naturais, auxiliar na atenuação de impactos ambientais, facilitar a reutilização de águas residuais e resíduos sólidos, proporcionar a manutenção da biodiversidade, conceber microclimas através do aprimoramento do elemento vegetal na paisagem urbana, entre outros, exibindo propriedades adequadas às atividades produtivas de origem ecológica, reagindo às necessidades vigentes, bem como a utilização de espaços naturais na urbe (RICARTE-COVARRUBIAS; FERRAZ; BORGES, 2011).

Conseqüentemente, as práticas de agricultura urbanas são direcionadas à

produção orientada ao autoconsumo, viabilizando o crescimento da variedade de alimentos, e ao enaltecimento de áreas limitadas, geralmente habitadas por pessoas socialmente segregadas, fazendo com que as famílias abrangidas consolidem seus vínculos de vida comunitária, sendo este um requisito obrigatório para o afloramento de técnicas comunitárias contra a ameaça de insegurança alimentar (WEID, 2004).

De outra forma, no contexto econômico, essa prática pode fornecer oportunidades de trabalho e faturamento alternativo, e a criação de um mercado local. Em alternativa, do ponto de vista social, as consequências podem ser identicamente otimistas, uma vez que desenvolve o reconhecimento dos costumes locais, o empoderamento social e o desenvolvimento da segurança alimentar e nutricional (SAN) das sociedades urbanas (RICARTE-COVARRUBIAS; FERRAZ; BORGES, 2011).

Em consequência, a estratégia de introduzir a atividade agrícola no meio urbano pode ser considerada uma associação de inúmeras ações, abrangendo a horticultura, o cultivo de cereais e a incorporação da produção animal, utilizando o excedente vegetal no tratamento dos mesmos, por meio de compostagem separadamente ou juntamente com os dejetos animais (AQUINO; ASSIS, 2007).

Segundo Almeida (2004), um exemplo de agricultura aplicado no contexto urbano com o propósito de gerar garantia em relação à alimentação é o Projeto de Formação de Agentes de Desenvolvimento Local em Segurança Alimentar Nutricional e Agricultura Urbana, o qual caracteriza-se por apresentar tanto o aspecto teórico quanto o prático, além de estimular a permuta de práticas e conhecimentos entre os indivíduos que participam do projeto, sendo que cada pessoa exerce uma função diferente.

Em relação à educação ambiental, conforme Jacobi (2003), ela tornou-se indispensável como ação social visto que o cenário urbano é definido pela infundável destruição da natureza, bem como dos ecossistemas presentes nela, provando a necessidade em desenvolver um ensino a respeito desse assunto. Do mesmo modo, Cribb e Cribb (2009) afirmam que ela é um aspecto fundamental para uma modificação na mentalidade da população citadina a cerca do meio ambiente, uma vez que aplica os ideais de sustentabilidade e pluralidade biológica e cultural no meio ambiente, buscando difundir um local salubre e reabilitar, quando necessário, as encostas por meio da plantação de elementos arbóreos característicos da cidade e de vegetação comestível, além de incitar a população abrangida por essa educação para buscar melhores condições referentes ao meio ambiente, uma vez que sabem que através dele consegue-se atingir uma melhor qualidade de vida.

4 | AGROECOLOGIA E AGRICULTURA ORGÂNICA NO MEIO URBANO

Conforme Ormond et al. (2002), existem vários tipos de agricultura desenvolvidos ao redor do mundo, como a convencional, a ecológica, a transgênica e a orgânica, e cada modelo possui suas próprias particularidades e ideologias, diferenciando-se entre si através dessas características.

Dessa maneira, Campanhola e Valarini (2001) afirmam que a agricultura orgânica é um método de cultivo alternativo onde busca-se utilizar princípios sustentáveis para seu desenvolvimento, mostrando-se como uma opção rentável, uma vez que está havendo um consumo progressivo desses produtos, abrangendo outras categorias, como as agriculturas biológica, ecológica, biodinâmica e natural, bem como o sistema de permacultura. Ela defende conceitos como utilização de restos orgânicos para criar adubo através do método de compostagem, uso de dejetos animais como fertilizante e biofertilizantes, reutilização de recursos naturais, utilização de elementos arbóreos como quebra vento, oposição à utilização de aditivos sintéticos na alimentação dos animais e de produtos químicos, como agrotóxicos, para impedir que pestes ataquem a cultura, entre outros.

A agricultura ecológica também é vista como uma forma conveniente de se utilizar o entorno urbano por várias razões, uma vez que resultou em uma ferramenta que possibilita a criação de espaços para agricultura em baixa proporção, ministrado por grupos familiares (ASSIS, 2003). Segundo Ormond et al. (2002), ela utiliza-se de métodos de produção agrícola os quais admitem como apropriado a adubação por meio de substâncias orgânicas encontradas no solo terrestre, em consequência das matérias biodegradáveis presentes ou inseridos no mesmo, as quais fornecem todo o adubo necessário para o crescimento dos elementos vegetais plantados.

Sintetizando, o conhecimento e aplicações agroecológicas dependem das disposições quanto ao contexto econômico, social, ecológico, territorial, cultural e histórico de cada sociedade onde se insere esse tipo de iniciativa, porém, sem perder a característica de empreendimento sustentável, em virtude de buscar a harmonia ecológica para assim, exercer a função de instrumento de subsistência e proteção nutricional (CAPORAL, 2002).

A conservação e expansão da variedade biológica dos agroecossistemas na agroecologia é o primeiro fundamento aplicado para gerar sustentabilidade e autorregulação, uma vez que inúmeras e intrincadas interações passam a se fixar entre a vegetação, a superfície terrestre e os bichos no momento em que a diversidade biológica é devolvida aos agroecossistemas (ALTIERI, 2004).

Por outro lado, segundo Assis (2002), a agricultura orgânica refere-se a uma técnica rural e a um crescimento social, o qual exhibe algumas qualidades evidenciadas em distintos modos de direcionamento tecnológico e de inserção no mercado, uma vez que tem como objetivo fornecer produtos benéficos à saúde e que possuam o sabor característico, através de mecanismos naturais de acordo com o cenário social no qual está sendo introduzida.

Ademais, os esquemas rurais orientados por intermédio da manipulação biológica e focados na agroecologia, possuem o comprometimento de conservar ou restabelecer a diversidade biológica dos agroecossistemas e dos arredores, enquanto viabilizem um acréscimo de renda familiar, ao incluir valor às mercadorias e aumentar o mercado, possibilitando o comércio (AQUINO; MONTEIRO, 2005).

Em vista do que foi exposto anteriormente, segundo Ribeiro et al. (2015), a agricultura urbana e periurbana pode ser utilizada como um método para atenuar algumas adversidades negativas encontradas no meio urbano, principalmente aquelas referentes à salubridade, ao meio ambiente, ao desemprego, à segurança alimentar, entre tantos outros que poderia ser citados.

5 | AGRICULTURA URBANA NO BRASIL

Ao se discutir sobre a agricultura urbana, é habitual a rápida associação às hortas comunitárias devido ao fato de o termo horta ser compreendido como sinônimo de cultura de legumes e verduras em canteiros (AQUINO; ASSIS, 2007). Entretanto, o assunto referente a agricultura no meio urbano surgiu há pouco tempo no país, sendo ainda mais recente seu estudo e aplicação, ocasionando a ausência de administrações apoiadoras (MONTEIRO; MENDONÇA, 2004).

De acordo com Cribb e Cribb (2009), as ações de caráter agrícola implantadas próximas aos municípios são focadas num perfil de sociedade que possui condições financeiras de consumir produtos de uma dieta abastada e diversificada, consequentemente excluindo as pessoas que não possuem tais recursos financeiros, fazendo com que essas desenvolvessem o cultivo de alimentos no meio urbano e periurbano para suprir e melhorar o cardápio nutricional, além de possibilitar o comércio dos produtos cultivados.

No que diz respeito ao Brasil, o cultivo de leguminosas no meio urbano fortaleceu-se a partir do progresso da agricultura, onde muitas famílias partiram do campo para a cidade, causando um êxodo rural desproporcional aos subsídios oferecidos nos municípios e cidades, contribuindo para a segregação social e espacial de grande parte dessas famílias, e como resultado positivo, a implantação de pequenas áreas urbanas destinadas a plantação de subsistência para suprir a carência de nutrição básica (BOUKHARAEVA et al., 2005).

Um exemplo recente de aplicação de agricultura urbana no Brasil é o caso de Teresina, Piauí, onde foi criado o Programa de Hortas Comunitárias, tendo como principais metas o incremento na produção de legumes e verduras, a geração de emprego e renda, e o aperfeiçoamento da questão alimentar dos grupos favorecidos com essa iniciativa, sendo que as hortas são inseridas em espaços urbanos menos favorecidos, com um cultivo concentrado principalmente em três hortaliças folhosas, cebolinha, coentro e alface, e a horta é coordenada por inúmeras famílias que utilizam seus lotes de modo particular (AQUINO; MONTEIRO, 2005).

Em contrapartida, no Rio de Janeiro, as atividades referentes ao plantio de legumes e leguminosas no meio urbano apresentam-se favorecidos por condutas de administrações governamentais e não governamentais e de instituições de pesquisa e auxílio técnico, destacando-se a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), a Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA)

e a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Rio de Janeiro (EMATER-RIO), sendo que a primeira colabora desde 2000 no campo referente a agricultura urbana, promovendo o consumo de produtos vegetais, e a segunda, desde 1999, promovendo o usufruto de áreas urbanas periféricas cariocas para o cultivo agroecológico de elementos vegetais (CRIBB; CRIBB, 2009).

No que se refere a organizações que potencializam ações no Brasil para divulgação da agricultura urbana, encontram-se inúmeras ONGs e o Estado. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), oportunizou no ano de 2007 vários encontros em onze regiões metropolitanas do país, com o intuito de determinar e classificar as áreas de agricultura urbana e periurbana (AUP) para assim oferecer maior suporte (FERREIRA; CASTILHO, 2007).

Portanto, cabe ressaltar que, pelo Brasil ser um país onde o principal foco é combater a fome e a pobreza existente, a agricultura urbana surge como uma ferramenta indispensável para se planejar uma cidade, tanto em relação à administração de recursos alimentares quanto às educativas e sanitárias (BOUKHARAEVA et al., 2005).

Em vista disso, pode-se afirmar que, de acordo com Cribb e Cribb (2009), a agricultura urbana surgiu, tanto no Brasil quanto em outros países, como um importante instrumento urbano para resolver problemas como falta de alimento, grande êxodo rural e baixo valor recebido como renda mensal por muitas famílias, bem como um meio de terapia e recreação. Ademais, ela prioriza por empregar trabalhadores familiares e por acrescentar um montante às mercadorias primárias, enaltecendo a cultura local e o desenvolvimento sustentável.

6 | ANÁLISE DOS RESULTADOS

O estudo foi realizado visando apresentar fatos que comprovassem a importância da agricultura no meio urbano e periurbano, de modo a confirmar que esse tipo de intervenção pode ser feita em todos os lugares, desde que sejam estabelecidos parâmetros e cultivados produtos adequados ao clima e às condições do local, sendo que os benefícios superam as adversidades.

Portanto, pode-se afirmar que não importa o idioma, a etnia ou mesmo a classe social para que dê certo a implantação de agricultura no meio urbano e periurbano, pois ela se tornou uma espécie de linguagem entendida por todos a qual gera um novo hábito relacionado às áreas verdes e aos vazios urbanos através da gestão participativa da comunidade e dos órgãos públicos, colabora para a diminuição da fome e da pobreza, uma vez que há alimentos orgânicos gratuitos ao longo da cidade, atrai a fauna, principalmente as aves, serve como barreira contra a degradação ambiental e concebe uma nova identidade social ao local.

Essa análise foi comprovada através de pesquisas, livros e artigos como referências bibliográficas, sendo atestado pelos autores a veracidade do conteúdo exposto nesse estudo, e permitindo a compreensão científica e empírica sobre o

assunto, bem como o reconhecimento do papel de cada indivíduo para que cada intervenção trouxesse benefícios para a cidade.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, pode-se afirmar que a urbanização desenfreada causada pelo êxodo rural, ocasionou muitos danos ao meio ambiente, comprometendo a qualidade de vida tanto da população que passou a viver nesse ambiente, quanto das gerações futuras.

Para tentar minimizar esses impactos negativos, várias foram as propostas de intervenção urbana e paisagística, sendo uma delas a agricultura urbana, a qual, além de recuperar áreas degradadas e ocupar espaços vazios, serviu como um meio de subsídio tanto para famílias menos abastadas quanto para famílias mais abastadas, rompendo fronteiras sociais, culturais, políticas e étnicas, agindo mutuamente em inúmeras áreas de desenvolvimento urbano e implantando novas técnicas de planejamento e gestão urbanas.

Vale ressaltar que a proximidade entre o poder público, o poder privado e a sociedade auxiliou no alcance de resultados mais eficientes em relação a melhoria na qualidade de vida da população, proporcionando, de modo mais abrangente, a salubridade, destacando-se a compreensão pessoal dos participantes no que diz respeito ao progresso da própria saúde física e mental.

Ademais, levando em consideração a opinião de Cribb e Cribb (2009), os pontos positivos alcançados através da agricultura urbana justificam sua introdução em outras cidades, uma vez que viabiliza melhores condições de vida tanto da população que cultiva quanto da que consome, por causa da inexistência da utilização de agentes químicos, nocivos à saúde, como fertilizantes e controladores de pragas, da rotação econômica e do desenvolvimento sustentável.

Convém destacar também que, segundo Jacobi (2003), a educação ambiental é de fundamental importância, posto que incentiva a população a refletir sobre suas ações perante a sociedade e encoraja os educadores a difundir seu conhecimento acerca do tema em questão, gerando uma nova maneira do ser humano se relacionar com o meio ambiente, indagando os princípios práticos e teóricos preexistentes.

Em suma, neste artigo identificam-se sugestões da crescente relevância da agricultura urbana como fenômeno sócio-econômico, definindo-se como alternativa a sistemas de produção agroecológicos, sendo estes considerados mais apropriados ao contexto vivenciado pelos agroecossistemas urbanos. Entretanto, isso é concebido a partir da definição de fronteiras para a disseminação da agricultura urbana, definido pelo requerimento por tecnologias e materiais distintos, apropriados a realidade vivenciada, principalmente referente à melhor aplicação de insumos orgânicos como fertilizante, gerando baixo custo e baixo impacto ambiental.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Daniela. Agricultura urbana e segurança alimentar em Belo Horizonte: cultivando uma cidade sustentável. **Revista Agriculturas**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 0, p. 25-28, 2004.
- ALTIERI, Miguel. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 4ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- AQUINO, Adriana Maria de; ASSIS, Renato Linhares de. Agricultura orgânica em áreas urbanas e periurbanas com base na agroecologia. **Revista Ambiente & Sociedade**, Campinas, v. 10, n. 1, p. 137-150, 2007.
- AQUINO, Adriana Maria de; MONTEIRO, Denis. Agricultura Urbana. In: AQUINO, Adriana Maria de; ASSIS, Renato Linhares de. **Agroecologia**: princípios e técnicas para uma agricultura Orgânica. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2005. p. 185-197.
- ARRUDA, Juliana. **Agricultura Urbana e Peri-Urbana em Campinas/SP**: análise do Programa de Hortas Comunitárias como subsídio para políticas públicas, 2006, 162f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Agrícola) - Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Engenharia Agrícola, Campinas, 2006.
- ASSIS, Renato Linhares de. **Agroecologia no Brasil**: análise do processo de difusão e perspectivas. 2002. 150f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- ASSIS, Renato Linhares de. Globalização, desenvolvimento sustentável e ação local: o caso da agricultura orgânica. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 20, n. 1, p. 79-96, 2003.
- BOUKHARAEVA, Louiza Mansourovna; CHIANCA, Gustavo Kauark; MARLOIE, Marcel; MACHADO, Altair Toledo; MACHADO, Cynthia Torres de Toledo. Agricultura urbana como um componente do desenvolvimento humano sustentável: Brasil, França e Rússia. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 413-425, maio/ago. 2005.
- CAMPANHOLA, Clayton; VALARINI, Pedro José. A agricultura orgânica e seu potencial para o pequeno agricultor. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 18, n. 3, p. 69-101, set./dez. 2001.
- CAPORAL, Francisco Roberto. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 3, n.1, 36-51, jan./mar. 2002.
- CRIBB, Sandra Lucia de Souza Pinto; CRIBB, André Yves. Agricultura Urbana: alternativa para aliviar a fome e para a educação ambiental. In: 47º CONGRESSO SOBER, 2009, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 26 a 30 jul. 2009.
- DRESCHER, A. W. Seguridad Alimentaria Urbana – Agricultura urbana, una respuesta a la crisis? **Revista Agricultura Urbana**, Quito, n. 1, p. 8-10, 2001.
- FAO-SOFA. **FAO releases annual state of food and agriculture report showing worldwide number of hungry people rising slightly; warns of slower economic growth in most developing countries**. Disponível em: http://www.fao.org/WAICENT/OIS/PRESS_NE/PRESSENG/1998/pren9869.htm. Acesso em: 24 jun 2018.
- FERREIRA, Rubio José; CASTILHO, Cláudio Jorge Moura de. Agricultura Urbana: discutindo algumas das suas engrenagens para debater o tema sob a ótica da análise espacial. **Revista de Geografia**, Recife, v. 24, n. 2, p. 06-23, 2007.
- JACOBI, Pedro. Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 118, p. 189-205, mar. 2003.

MENEZES, Leda Carolina Carvalho; TAVARES, Raíssa; BOTEZELLI, Luciana. Conflitos Existentes Entre os Indivíduos Arbóreos e os Aparatos Urbanos em Trechos do Bairro Jardim dos Estados em Poços de Caldas – MG. In: XII CONGRESSO NACIONAL DE MEIO AMBIENTE DE POÇOS DE CALDAS, 2015, Poço de Caldas – Minas Gerais. **Anais [...]**. Poço de Caldas: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, v. 7, n. 1, 2015.

MONTEIRO, D.; MENDONÇA, M. M. Quintais na Cidade: a experiência de moradores da periferia da cidade do Rio de Janeiro. **Agriculturas – Experiências em Agroecologia**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 0, p. 29-31, 2004.

ORMOND, José Geraldo Pacheco; PAULA, Sergio Roberto Lima de; FAVERET FILHO, Paulo de Sá Campello; ROCHA, Luciana Thibau M. da. Agricultura orgânica: quando o passado é futuro. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 3-34, mar. 2002.

RIBEIRO, Silvana Maria; BÓGUS, Cláudia Maria; WATANABE, Helena Akemi Wada. Agricultura urbana agroecológica na perspectiva da promoção da saúde. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 730-743, 2015.

RICARTE-COVARRUBIAS, Juliana Duz; FERRAZ, José Maria Gusman; Borges, Janice Rodrigues Placeres. Segurança alimentar através da agricultura urbana: um estudo de caso em duas comunidades de baixa renda em Porto Ferreira/SP. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 6, n. 3, p. 62-80, 2011.

ROESE, Alexandre Dinnys. Agricultura Urbana. **Revista Online Embrapa Pantanal**, Corumbá, 2003. 4p. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/handle/doc/812707>. Acesso em: 31 ago. 2018.

ROESE, Alexandre Dinnys; CURADO, Fernanda Fleury. A contribuição da agricultura urbana na segurança alimentar comunitária em Corumbá e Ladário, MS. In: IV Simpósio sobre Recursos Naturais e Sócio-econômicos do Pantanal, 2004, Corumbá, Mato Grosso do Sul. **Anais [...]**. Corumbá: SIMPAN 2004, 23 a 26 nov., 2004.

SALVI, Luciane Teresa; HARDT, Letícia Peret Antunes; ROVEDDER, Cristiano Eidt; FONTANA, Carla Suertegaray. Arborização ao Longo de Ruas - Túneis Verdes - Em Porto Alegre, RS, Brasil: Avaliação Quantitativa e Qualitativa. **Revista Árvore**, Minas Gerais, p. 223-243, 2011.

WEID, J. M. von der. Agroecologia: condição para a segurança alimentar. **Agriculturas – Experiências em Agroecologia**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 0, p. 4-7, 2004.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultura urbana: 47, 49, 50, 51

Ambiente: 50, 74, 77, 79, 111, 129, 134, 196, 197

Análise de Conteúdo: 13

Arquitetura: 2, 5, 38, 53, 54, 57, 65, 66, 68, 79, 91, 113, 118, 120, 125, 133, 137, 146, 168, 173, 185, 188, 200, 210, 224, 233, 234, 236, 240, 247, 261, 266, 267, 278, 301, 303

C

Cartografia Social: 250, 251, 254, 259, 260, 262

Centro cultural: 289

Cultura: 33, 77, 99, 102, 103, 127, 151, 173, 189, 197, 253, 261, 262, 266, 269

E

Espaços Públicos: 162

Etnografia: 96, 99

I

Identidade: 91, 196, 250, 251, 275

M

Mapeamento Participativo: 250, 255

Monumentos Culturais: 264

N

Natureza: 68, 74, 130, 211, 218, 300

P

Paisagem: 7, 8, 9, 65, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 81, 88, 89, 91, 92, 94, 97, 99, 101, 102, 103, 104, 110, 111, 113, 125, 126, 129, 131, 132, 133, 146, 149, 150, 160, 162, 165, 172, 173, 175, 185, 188, 189, 190, 191, 196, 197, 200, 203, 205, 208, 210, 211, 224, 237, 250, 251, 253, 254, 257, 258, 259, 261, 262, 291, 292, 300, 304

Paisagismo: 304

Patrimônio Cultural: 75, 102, 103, 133, 154, 210, 253, 260, 262, 269, 270, 275, 303, 304

Pesquisa urbana: 304

Planejamento: 23, 65, 79, 89, 146, 149, 160, 213, 250, 251, 262, 303, 304

Política habitacional: 113, 304

Políticas Públicas: 197, 304

Projeto arquitetônico: 304

Proteção urbana: 304

S

Sustentabilidade: 50, 304

T

Território: 79, 250, 251, 304

U

Urbanismo: 2, 5, 38, 53, 65, 68, 79, 91, 113, 120, 125, 137, 146, 159, 168, 173, 188, 200, 224, 233, 236, 261, 266, 267, 278, 281, 290, 303, 304

Urbano: 10, 24, 58, 59, 89, 139, 146, 147, 210, 213, 227, 228, 304

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-485-6

